

**Vovô Joãozinho de chupeta**  
**correspondência de Guimarães Rosa para Vera Ooó e novas visões sobre a**  
**criança no século XX<sup>1</sup>**

**Camila Rodrigues**

Pós-doutoranda em História pela FFLCH/USP

**Resumo**

Entre setembro de 1966 e novembro de 1967, o escritor João Guimarães Rosa, no papel de Vovô Joãozinho, enviou cartões postais às suas netinhas mais novas, Beatriz Helena e Vera Lucia Tess (Ooó), que moravam com a família em São Paulo, convidando-as para passar uma temporada com os avós no Rio de Janeiro. Esta correspondência foi publicada em 2003, no livro *Ooó do vovô – Correspondência de João Guimarães Rosa, vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess* e é sobre ela que tratamos neste artigo. Em nossa análise procuramos tomar aquele material como fonte histórica, já que nele encontramos interessantes registros de expressões de adultos e crianças na linguagem e no tempo. Além disso, o contato com aquele documento nos possibilitou um diálogo interdisciplinar com a linguística, a psicologia, a antropologia, a sociologia, entre outros, e também nos levou a inquirir outros materiais a ele relacionados, como imagens, entrevistas e literatura. Teoricamente sustentada no ideário filosófico a respeito dos infantes desenvolvido no século XX, especialmente expresso nas colocações de Walter Benjamin, esta interpretação pretende contribuir para exemplificar como aquele século inaugurou uma forma de olhar para a criança como ente participante e engendrador de sua própria cultura e história.

**Palavras-chave** Infância, memória, história, Guimarães Rosa, Ooó do Vovô.

**Abstract**

Between September 1966 and November 1967, João Guimarães Rosa, in the role of Vovô Joãozinho, sent postcards to their youngest granddaughters, Beatriz Helena and Vera Lucia Tess (Ooó), who lived with their family in São Paulo, inviting them to spend time with their grandparents in Rio de Janeiro. This correspondence was published in 2003 in the book *“Ooó do vovô– Correspondência de João Guimarães Rosa, vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess”*. This article deals with this correspondence. In our analysis we try to take that material as a historical source, since it found interesting records of adult

1 Este artigo é resultado da pesquisa desenvolvida para a confecção da tese RODRIGUES, Camila. Escrevendo a lápis de cor: Infância e história na escritura de Guimarães Rosa e parte dele foi debatida no I Encontro do Grupo de Trabalho História da Infância e Juventude da Associação Nacional de História - Seção São Paulo, em 08 de abril de 2014.

and children expressions in the language and time. In addition, contact with that document enabled us to an interdisciplinary dialogue with linguistics, psychology, anthropology, sociology and also took us to ask other materials related to it, such as images, interviews and literature. Theoretically sustained in the philosophical ideas about the child that was developed in the twentieth century, especially by Walter Benjamin, this interpretation aims to contribute to exemplify how that century inaugurated a way of looking at the child as someone else who can participate and breed their own culture and history.

**Keywords** childhood, memory, history, Guimarães Rosa, Ooó do Vovó.

## 1. Os postais do Vovô Joãozinho e a escrita da história

“É interessante observar como a história, seja de um indivíduo, seja de uma sociedade, pode ser conhecida melhor por meio do estudo dos sentimentos que ela oculta do que por aquilo que ela ostenta.”

Willi Bolle – Grandesertão.br.

**N**a década de 1960, depois de ter participado de momentos importantes da História do Brasil – como a Revolução de 1932 –, e do mundo – como a Segunda Grande Guerra –, e de ter escrito a sua obra mais reconhecida – *Grande Sertão: Veredas* –, o escritor João Guimarães Rosa vivia sua maturidade trabalhando como diplomata no Rio de Janeiro, ao lado de sua segunda esposa Aracy Guimarães Rosa. Também nesta época Rosa viveu a experiência de ser avô, fosse dos netos biológicos, e também dos netos de sua esposa, que ele acabou adotando. Dentre os perflhados estavam as netinhas mais novas – Beatriz Helena e Vera Lucia Tess –, que moravam em São Paulo com a família. Para amenizar a saudade das meninas, o vovô Joãozinho enviava-lhes cartões postais, convidando-as a passar um período no Rio. Em 2003, os 17 postais (15 enviados às meninas e 2 à mãe Beatriz) e também mais 18 bilhetes e registros sobre Vera Tess – foram publicados no livro *Ooó do vovô: correspondência de João Guimarães Rosa, o vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess, de setembro de 1966 a novembro de 1967*<sup>2</sup>. Este material já foi tema de alguns poucos artigos científicos na área

2 ROSA, João Guimarães. *Ooó do vovô: correspondência de João de Guimarães Rosa, o vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess, de setembro de 1966 a novembro de 1967*. São Paulo Edusp; Imprensa Oficial ; Belo Horizonte : Editora PUC/Minas, 2003. Por questões relativas à proteção dos direitos autorais dos herdeiros de João Guimarães Rosa, não inserimos aqui as imagens do livro *Ooó do vovô*, pois não obtivemos autorização para a divulgação junto aos responsáveis pelo conteúdo, entretanto sugerimos a consulta de algumas delas na tese RODRIGUES, Camila. *Escrevendo a lápis de cor: Infância e história na escritura de Guimarães Rosa*. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo 2014.

de letras, seja ressaltando a sensibilidade de “poeta ingênuo” de Rosa<sup>3</sup>, ou mesmo destacando alguma influência da comunicação com uma menina de tão poucos anos para a escrita literária rosiana<sup>4</sup>.

Considerando que desde pelo menos a última década do século XX, os documentos de caráter mais subjetivo como cartas, diários, memórias etc. vêm ganhando força nos estudos historiográficos, esse tipo de registro oferece muitos caminhos para acessar diversas formas de relação entre a experiência do indivíduo e a história pública, já que assinalam constantemente que, na experiência individual, múltiplas temporalidades são experimentadas, colocando em xeque a ideia de unidade estável e permanente do sujeito moderno.<sup>5</sup>

No caso da correspondência entre o Vovô Joãozinho e as netas de pouca idade a quebra da linearidade é posta claramente pelo uso de diversas linguagens acrescidas ao discurso verbal. Lembrando que antes da publicação do livro em 2003, a primeira aparição desses postais ocorreu em 24 de agosto de 1998, durante a sessão de abertura do *I Seminário Internacional Guimarães Rosa*, realizado na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Minas Gerais e no posfácio da edição da correspondência, o Pe. Geraldo Magela Teixeira, então reitor daquela universidade, sublinha que:

A faceta lúdica e bem-humorada das experimentações criativas com que o escritor construiu o contato carinhoso com a neta encantou todos [...]. Os cartões projetados no telão do teatro da PUC Minas exibiram, em primeira mão, aos leitores e pesquisadores da obra de Guimarães Rosa, uma faceta da sua intimidade familiar talvez desconhecida da maioria do seu fiel público. Às imagens que a

3 AZEVEDO, Sílvia Maria. “Brincando de ser criança”. In: *Revista Cultura Crítica*. v.7, p. 46-49, 2008.

4 SOBRINHO, João Batista Santiago. “Marcas da Ooó”. *Caligrama*. Belo Horizonte, no. 9, p. 281-294, 2004.

5 GOMES, Ângela de Castro. “Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo”. In: GOMES, Ângela de Castro (org) *Escrita de si, Escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 13.

obra do escritor e os depoimentos sobre ele criaram somou-se esta outra, carinhosa, espontânea e original.<sup>6</sup>

Porque ela é tão peculiar e abre possibilidades de reflexões históricas, neste artigo propomos uma análise da surpreendente correspondência entre o Vovô Joãozinho e a netinha de pouca idade, procurando destacar alguns questionamentos concernentes à história cultural e à história da criança.<sup>7</sup>

### Uma correspondência no limite entre o verbal e o não-verbal

“... mas não acho as palavras.”

João Guimarães Rosa – Tutaméia

É muito difícil para um adulto escrever para crianças, assim como se fazer bem compreender por elas, já que a cultura infantil é distinta da do adulto, sendo suas noções de mundo, de tempo, valores e repertórios outros e tão diversificados que não cabem na cristalização da escrita. No caso da correspondência que Guimarães Rosa manteve com as netas, a situação ainda ganha diferenciadas tonalidades, uma vez que não estamos falando de um adulto qualquer, mas um escritor habituado aos jogos de linguagem, além do fato de que também as crianças destinatárias viverem um momento especial da vida: eram meninas pequenas, que ainda mal haviam entrado plenamente no mundo da palavra, inclusive da palavra falada. Ao tratar desse material estamos, portanto, tentando destacar uma tentativa de contato entre os dois polos extremos da relação humana com a linguagem.

6 TEIXEIRA, Geraldo Magela. “Posfácio”. In: ROSA, João Guimarães. *Ooó do vovô: correspondência de João Guimarães Rosa, o vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess, de setembro de 1966 a novembro de 1967*. São Paulo Edusp; Imprensa oficial do Estado de São Paulo; Belo Horizonte : editora PUC/ Minas, 2003, p. 69.

7 Uma análise mais ampla deste livro está em RODRIGUES, Camila. *Escrevendo a lápis de cor: Infância e história na escritura de Guimarães Rosa*. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo 2014, p. 80-116.

Inicialmente o interesse de Rosa pelas crianças estaria sustentado nas peculiaridades de seu dialeto. Para definir as crianças em relação à linguagem, gostaríamos de evitar pensá-las como *letradas* ou *iletradas*, *analfabetas* ou *pré-letradas*, não só porque estes termos carregam uma miríade de juízos de valor que questionamos<sup>8</sup>, mas especialmente porque nenhum deles dá conta de expressar a situação da infantil. As crianças, especialmente as pequenas, vivem um momento mais especial, no limiar da palavra escrita ou falada, exatamente onde as duas formas culturais se tocam e se transformam a partir do contato de uma com a outra, então para nomear este período, pedimos licença para empregar um termo novo: elas seriam “aletradas”<sup>9</sup>. Na língua portuguesa, o prefixo ‘a’ não indica apenas negação, mas pode propor outros sentidos, como o de afastamento<sup>10</sup>. Então, se pensamos em “aletrada”, procuramos destacar que a situação da criança em relação ao conflito entre letrados e iletrados é diferente, pois embora ela também esteja inserida nele, consegue vivê-lo a partir de outra ordem, como que afastada, pois o vive no pleno estado do transe, ou citando um conto do próprio Rosa, diríamos que as crianças estariam na *terceira margem do rio*<sup>11</sup> que separa a cultura letrada da não letrada; e abordar este questionamento, talvez, tenha sido o próprio “projeto mágico” desenvolvido pela literatura rosiana<sup>12</sup>.

Assim sendo, nosso autor, saudosos do contato com as netas infantis, começou tomando uma decisão apropriada às suas destinatárias crianças: querendo convidá-las a ir ao Rio, escolheu enviar-lhes cartões-postais. Desde que surgiram nos oitocentos, os postais são uma espécie de missiva específica para convidar à viagem, apresentando sempre uma

8 Cf. HAVELOCK, Erick. *A Revolução da escrita na Grécia Antiga e suas consequências culturais*. Trad. Ordep José Serra. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 12.

9 Ao propormos este termo, partimos da palavra “aletria”, que foi usada por Rosa no título de um prefácio, indicando um indeferimento do mundo letrado. Cf. ROSA, João Guimarães. *Tutaméia: terceiras estórias*. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967, p. 03-12.

10 MARTOS, Cloder Rivas e MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática pedagógica*. 18ª. Ed. São Paulo: Saraiva, 1991, p. 90.

11 ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. 11ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 27-32.

12 Cf. SEVCENKO, Nicolau. “Com quantos mitos se faz a realidade?” (Pref. IN: Prefácio à edição brasileira). IN: BRUNEL, Pierre (org). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind, Jorge Laclette, Maria Thereza Rezende Costa e Vera Whately. 2ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1998, p. XXI-XXV.

ilustração na capa, e a mensagem do verso ficava ao gosto do remetente. Com esta configuração, o postal acabou por estabelecer “um padrão de correspondência condensada cuja função era a de transmitir uma mensagem escrita breve e simplificada”<sup>13</sup>. Então, neste tipo de carta, o conteúdo que costumava ser mais importante não era o escrito, que poderia ser até dispensável, pois pelo menos a metade do que ali está contido estaria a cargo das imagens, possibilitando que até mesmo as crianças não alfabetizadas pudessem compreender sozinhas alguma parte da carta que lhes foi enviada. Nos postais enviados por Rosa, as imagens foram cuidadosamente selecionadas<sup>14</sup>, trazendo elementos de um repertório que o adulto facilmente identifica como caro aos pequenos: desenhos, crianças, bichos, bailarinas etc. Um verdadeiro carrossel de ilustrações coloridas e atraentes que objetivavam despertar uma percepção diferenciada nas netinhas, pois vale lembrar que já na década de 1940 Merleau-Ponty refletia sobre as diferenças entre adulto e criança no que se refere ao campo das percepções, em colocações como: “sabe-se que a constância da grandeza aparente dos objetos para distâncias variáveis, ou a de sua cor para iluminações diferentes, são mais perfeitas na criança do que nos adultos”<sup>15</sup>.

Mas, apesar de todo este cuidado plástico, de forma até paradoxal, o maior tesouro contido naqueles cartões não são as belas figuras, e sim os conteúdos dos versos dos postais, onde Guimarães Rosa se reconhecia como o Vovô Joãozinho e, para continuar correspondendo ao primeiro objetivo de um cartão-postal, convida as netinhas a viajar, fazendo um uso fascinante de diversas linguagens caras aos infantes: cores, canções, desenhos, promessas de contar histórias etc. Para além de, efetivamente, convidarem as meninas para um passeio no Rio, acabavam propondo – às destinatárias e também ao remetente – uma outra viagem, muito mais complexa e curiosa: aquela estabelecida pelo contato entre a linguagem da

13 SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade”. In: SEVCENKO, Nicolau . (Org.). *História da vida privada no Brasil v.3*. 10 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 427.

14 Cf. LACOSTE, Jean. ‘Cartes postales: une méthode pour l’exil’. LAVELLE, Patricia. *Cahiers de L’Herve – Walter Benjamin*. Paris, 2013, p. 114-5.

15 MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro da Moura. 2ª. ed. - São Paulo :Martins Fontes, 1999, p. 34.

criança e a do adulto. Nesta correspondência, “o maior escritor brasileiro do século XX sente-se atraído pelo mundo infantil, põe de lado seus inúmeros afazeres, e com elas conversa, quase monologa, e desenha com uma constância comovedora”.<sup>16</sup> Depois de comentarmos melhor o conteúdo do livro, voltaremos à questão: em qual medida, realmente, o Vovô monologa ou dialoga com as meninas nesta correspondência? Por hora vamos guardá-la e falar mais da publicação.

Se, habitualmente, os cartões-postais seguem abertos, podendo ser lidos por qualquer pessoa que tomasse contato com eles<sup>17</sup>, no caso dos enviados por Vovô Joãozinho às netas em São Paulo, não era isso que acontecia, pois todos os maravilhosos postais seguiam protegidos por envelopes, confirmando seu caráter de extrema pessoalidade: aqueles afagos e carinhos tinham destinatárias específicas e somente elas – ou os intermediários que os lessem – poderiam acessar seu conteúdo. Ainda que na publicação dos cartões apenas um envelope apareça – o que era destinado a “Senhorita Vera Tess”<sup>18</sup> –, em setembro de 2011 mantivemos uma conversa com Vera e então pudemos consultar os cartões originais – que foram todos publicados no livro – e também os envelopes nos quais eles foram postados, e neles, destacaram-se, nos sobrescritos, as diferentes formas carinhosas que o Vovô usava para chamá-la, em diversos idiomas: mademoiselle, senhorita, señorita, miss e senhorinha, dando uma amostra do imenso carinho que a ela destinava.

16 CANDIDO, Antônio & MINDLIN, José. “Prefácio”. In: ROSA, João Guimarães. *Ooó do vovô: correspondência de João de Guimarães Rosa, o vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess, de setembro de 1966 a novembro de 1967*. São Paulo Edusp; Imprensa oficial do Estado de São Paulo; Belo Horizonte: Editora PUC/Minas. 2003, p.13.

17 SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade”. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.). *História da vida privada no Brasil v.3*. 10 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 428.

18 ROSA, João Guimarães. *Ooó do vovô: correspondência de João de Guimarães Rosa, o vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess, de setembro de 1966 a novembro de 1967*. São Paulo Edusp; Imprensa Oficial; Belo Horizonte: Editora PUC/Minas, 2003, p. 71.



### Ooó: a netinha favorita

“Porque você é uma menina com uma flor e tem uma voz que não sai, eu lhe prometo amor eterno...”

Vinícius de Moraes – Para uma menina com uma flor

Todo aquele cuidado com a forma de chamar Vera Tess indica uma mudança que acabou ocorrendo naquela correspondência: inicialmente os postais eram destinados às duas netas biológicas de D. Aracy – as meninas do Vovô Joãozinho –, mas com o tempo um favoritismo pela mais jovem – Ooó – se acentuou e isso pode se dever a uma maior afinidade entre eles, como foi destacado pela mãe das meninas, a senhora Beatriz Tess, em depoimento oral concedido em setembro de 2011:

Ele [Guimarães Rosa] praticamente, desde bebê, se apaixonou por ela, quer dizer que era assim uma coisa assim fora do normal (...). Devido ao problema de ele ser tão afetivo [com a Vera], a minha sogra puxava ela pra ficar com eles. Ele gostava das crianças, gostava de todos eles, todos os irmãos. (...) mas mais distante; agora com ela não, com ela era uma coisa presente mesmo. E aí quando ela foi interagindo mais, claro que ele foi se apegando mais, não é? Daí, quando ela vinha pra São Paulo pra (sic) ficar com a gente, ele mandava esses cartõezinhos morrendo de saudade<sup>19</sup>.

Além desta declarada predileção pessoal, e também porque João Guimarães Rosa foi um escritor, cogitamos que a escolha de Ooó como principal destinatária dos cartões também pode ser atribuída a uma situação peculiar em relação à linguagem que a menina vivia naqueles meados da década de 1960, como a própria Vera explica no prefácio do volume:

Caçula, eu não ia ainda para a escola, o que me permitia passar mais tempo no Rio. Os cartões, escritos entre 1966 e 1967, quando eu tinha entre 3 e 4 anos de idade, eram como vovô Joãozinho me

19 TESS, Beatriz. *Depoimento concedido a Camila Rodrigues*. São Paulo. 23 Set.2011. São Paulo. 23 Set.2011. (Informação verbal).

convidava para mais uma temporada no Rio. Demorei para falar (por pura preguiça, diziam), limitava-me a apontar para os objetos que eu queria pegar, chamando-os de ‘ooó’<sup>20</sup>. Daí meu avô carinhosamente chamar-me de ‘ooó do vovô’.<sup>21</sup>

No acervo pessoal do escritor João Guimarães Rosa, dentre outros tipos de manuscritos e além das cadernetas, constata-se que o autor fazia uso regular de *Cadernos de Estudos*<sup>22</sup>, que eram sempre escolares e alguns estão disponíveis em seu fundo arquivístico no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). Nos cadernos de Rosa encontramos registros de uma série de trechos que o autor teria pensado ou ouvido e em seguida anotado em breves citações que quase sempre eram iniciadas como a sigla “M%”, indicando um desejo de se apropriar de alguma parte das expressões ao redor para alimentar sua criação. Nos cadernos é possível encontrar várias menções diretas a Ooó<sup>23</sup>, como quando ele não só coloca a definição etimológica da palavra *infante* em inglês – o que não fala –, como a associa diretamente a Verinha:

"Infante = (Etm. ‘Non-speaking’)  
m% - Ooó = A Infanta"<sup>24</sup>

20 Se Ooó é a fala pré-verbal da criança Vera Tess, mudando a acentuação, segundo Nilce Sant’Anna Martins, Ooó constitui uma onomatopeia não dicionarizada inventada por Rosa, que aparece no livro *Corpo de Baile* (1956), correspondendo ao mugido de vacas. MARTINS, Nilce Sant’Anna. *O Léxico de Guimarães Rosa*. 2ª. Ed. São Paulo: Edusp, 2001, p. 360.

21 TESS, Vera. “Meu avô Joãozinho”. In: *Ooó do vovô: correspondência de João Guimarães Rosa, o vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess, de setembro de 1966 a novembro de 1967*. São Paulo Edusp; Imprensa oficial; Belo Horizonte : editora PUC/ Minas, 2003, p. 11.

22 Cf. RODRIGUES, Camila. “Poemas para ouvir: Uma interpretação dos Cadernos de estudos para a obra de Guimarães Rosa”. In: *Revista Manuscrita*, 2013-4, no. 25, p. 95-105.

23 Cf. Idem. *Escrevendo a lápis de cor: Infância e história na escritura de Guimarães Rosa*. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo 2014, p. 134-159 e 167-180.

24 ROSA, João Guimarães. *Caderno de estudos para a obra II*. Arq. JGR-IEB/USP – Série Cadernos e Cadernetas. JGR-CADERNO-II, p. 52.

Segundo relatos da própria Vera já adulta, à época em que ela apresentava estas dificuldades de começar a falar, todos se preocuparam com a possibilidade dela ter alguma deficiência física, por isso o Vovô Joãozinho a levou a passar em consulta com o seu amigo e médico foniatra Pedro Bloch, o qual constatou logo que, fisicamente, a menina não apresentava nenhum problema, e então sugeriu que sua dificuldade em adentrar o domínio da palavra falada teria origem comportamental ou emocional. Após cuidadosa anamnese o clínico ficou sabendo mais sobre a vida cotidiana da menina e sugeriu que o bloqueio acontecia porque, como ela era caçula e tinha quatro irmãos mais velhos sempre ao seu redor, a garota logo percebeu que bastava apenas apontar para aquilo que desejava e, magicamente, algum deles lhe traria aquilo que ela queria, ou seja, a palavra não lhe era necessária.

Como a criança só entra no campo da palavra por necessidade de se comunicar melhor e conseguir fazer com que os seus desejos se tornem realidade, desde cedo a palavra adquire caráter encantatório para o ser humano, pois já nos primeiros anos de vida, se percebe o poder das palavras em se transmutar em palavras mágicas – que seriam termos que determinam o centro das primeiras palavras utilizadas pelo infante e que já lhe permitem reconhecer sua função no comando dos discursos:

A criança maneja incessantemente a linguagem mágica. ‘A criança chama a mãe, a ama, o pai, a pessoa aparece. Quando ela pede comida, é como se formulasse uma encantação mágica’ [...]. Ao crescer, ela não é coagida a modificar esse hábito, pois as palavras lhe asseguram sempre o domínio das coisas.<sup>25</sup>

Durante a primeira infância de Vera, usar palavras para falar não era mesmo imperativo, pois a comunicação não verbal, através de outras formas de linguagem menos lineares, se operava bem com seus irmãos que, apesar de maiores, também ainda eram crianças

25 MALINOWSKI, B. *The Language of magic and Gardening (Coral Gardens and Their Magic)*. 2a. ed., Londres, George Allen & Unwin, 1966 apud TODOROV, 1980, p. 242, APUD. TODOROV, Tzvetan. *Os Gêneros do discurso*. Trad. Elisa Angotti Rossovitch, São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 242.

e portanto ainda mais sintonizadas a uma vivência do mundo sem a utilização de palavras<sup>26</sup> e mais próximos a uma situação constantemente intermediária entre realidade e não realidade, no qual se edifica a subjetivação infantil<sup>27</sup>, e tudo pode ser percebido como mágico. Se "nomear algo significa convocar, criar realidade da coisa, ou antes, reconhecer essa realidade. Trata-se do valor mágico da palavra, do poder da palavra, da palavra eficaz"<sup>28</sup>, Verinha se demorou mais na vivência pura das coisas antes de 'criá-las pela palavra', peculiaridade que, certamente deve ter interessado bastante o vovô Joãozinho, aquele que escreveu em um de seus *Cadernos*: "M% = O desejo de comunicar-se, às vezes (EM GERAL) não é cortês: é bárbaro".<sup>29</sup>

Em seu estudo sobre o que chamou de "folclore infantil" na cidade de São Paulo por volta da década de 1960, Florestan Fernandes (2004) também destacou que muito do material cultural recolhido com as crianças ou relatado por seus pais naquela pesquisa – cantigas; jogos; parlendas; pegadas; trava-línguas; provérbios; etc. – evidenciava a sobrevivência de algumas "fórmulas empregadas com intuitos mágicos, no passado",<sup>30</sup> e ainda que as limitações daquela investigação não tivesse lhe permitido explorar tal questão na época, era interessante perceber que o modo tal "como as crianças compreendem (os fenômenos) é modelado de acordo com as 'explicações' fornecidas pelos adultos, que procuram manter ou suscitar convicções coerentes com as tradições".<sup>31</sup>

Abordando mais diretamente o conteúdo dos cartões destacamos as formas utilizadas pelo Vovô Joãozinho para se comunicar com a menina que, por muito tempo, dispensou o uso da palavra: ele não tem pudores em manifestar em forma de desenhos nos versos dos

26 Cf. DAVIS, Flora. *A Comunicação não-verbal*. Trad. Antonio Dimas. São Paulo: Summus, 1979, p. 141.

27 Cf. WINNICOTT, D.W. *O Brincar e a realidade*. Trad. José Otávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

28 MENESES, Adélia Bezerra de. "Vermelho, Verde e Amarelo: tudo era uma vez". In: *Cores de Rosa – Ensaio sobre Guimarães Rosa*. Cotia: Ateliê Editorial, 2010, p.233.

29 ROSA, João Guimarães. *Caderno de estudos para a obra 17*. Arq. JGR-IEB/USP – Série Cadernos e Cadernetas. JGR-CADERNO-17, p. 56.

30 FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*.<sup>3ª</sup> Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 333.

31 *Ibidem*, p. 336.

cartões, seu afeto e saudades. Em uma dessas mensagens, Vovô Joãozinho desenha<sup>32</sup> Ooó diversas vezes, inclusive como selo e também imbricada nas letras de Ooó, e a si próprio de chupeta,<sup>33</sup> mostrando que essa correspondência cumpria o papel de ser o “o lugar físico e afetivo” onde os correspondentes distantes poderiam se encontrar<sup>34</sup>: enquanto Verinha é selo e aparece quase sempre em plena atividade infantil: brincando com bola, voando, dirigindo o fon-fon, entre outras; o Vovô Joãozinho a acompanha nas brincadeiras de bola, na ciranda com outra mulher chamada Susi – provavelmente uma funcionária da casa pois está usando uma roupa que parece ser um uniforme – em uma proposta de compartilhamento e diversão, quase irrecusável à criança, uma vez que “onde quer que esteja, ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo”<sup>35</sup>. Também neste postal, vemos um desenho mais detalhado do Vovô Joãozinho usando óculos e gravata borboleta, que é figurino característico de Guimarães Rosa, porém nesta representação ele tem uma pequena Verinha em seu ombro, próxima ao ouvido, como se fosse uma espécie de ‘grilo infante’, portadora de mensagens sonoras do mundo dos pequenos, já que “as coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças”<sup>36</sup>, e isso pode ser responsável pelo inicialmente estranho aparecimento da chupeta – símbolo legítimo da primeira infância – que ele leva na boca e que pode indicar uma vivência mesma com crianças pequenas, que sempre colocam as chupetas na boca dos adultos, ou mesmo que o contato com a menina modificava de alguma forma o modo de estar no mundo daquele Vovô, que não deixa de ser quem é, mas já acrescenta a sua imagem um elemento infantil . Ainda neste postal, quando a menina é desenhada escorregando entre as

32 Cf. RODRIGUES, Camila. *Escrevendo a lápis de cor: Infância e história na escritura de Guimarães Rosa*. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo 2014, p. 85.

33 ROSA, João Guimarães *Ooó do vovô: correspondência de João de Guimarães Rosa, o vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess, de setembro de 1966 a novembro de 1967*. São Paulo Edusp; Imprensa oficial do Estado de São Paulo; Belo Horizonte : Editora PUC/Minas, 2003<sup>3</sup>, p. 46-7.

34 GOMES, Ângela de Castro. “Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo”. In: GOMES, Angela de Castro (org.) *Escrita de si, Escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.20.

35 COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009, p. 28.

36 BARROS, Manoel de. “O Livro das Ignorâncias”. In. *Poesia completa de Manoel de Barros*. São Paulo: Leya, 2010, p. 297-324.

letras de seu apelido Ooó, Guimarães Rosa está, também, problematizando uma condição da criança em relação a cultura letrada: tudo para ela serve para brincar, inclusive as letras, então, ainda que de forma privada, ao usar esta forma de “arte do intermediária”<sup>37</sup> que é o desenho para se comunicar com a neta, representa seu corpo brincando entre as letras, e assim também faz referência ao processo de formação de uma das mais importantes tecnologias desenvolvidas pela cultura humana, que é o alfabeto<sup>38</sup>, aquele que surgiu justamente quando o que antes era desenho, virou letra<sup>39</sup>.

Atentando para o fato de que este postal foi escrito em 02 de dezembro de 1966, parece conveniente associá-lo a outra carta, escrita por Guimarães Rosa em 16 de dezembro daquele mesmo ano, e destinada ao seu amigo, o cônsul William Agel de Mello:

Ooó chegou. Mostrei a ela os retratos (de Você)<sup>40</sup> e ela o identificou, presta. Aliás, já havia contado, ao Pai, em São Paulo, comprida estória a respeito do “Boço” do fon-fon, e do Zoo, com o “boi-bobo” e o “pipipiu bobo” que bicou o Vovô. Ela agora fala tudo.  
Os retratos, ótimos. Agradecemos, e: parabéns.”<sup>41</sup>

Neste trecho da carta, Ooó é citada quando o avô apresenta grande contentamento por sua chegada em sua convivência no Rio e relembra o amigo do dia em que os três tinham estados juntos<sup>42</sup> e, na mensagem, o Vovô Joãozinho também transcreve corruptelas usadas na comunicação com Ooó, como “Boço”, no lugar de ‘moço’. Em certo momento desta citação,

37 ANDRADE, Mario de. “Do desenho”. In: *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. 2ª. Ed, São Paulo: Martins, 1975. p. 69-77, 71-2.

38 HAVELOCK, Erick. *A Revolução da escrita na Grécia Antiga e suas consequências culturais*. Trad. Ordep José Serra. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996a, p. 11-44.

39 LATZ, Lia. *Aventura da escrita: a história do desenho que virou letra*. Ilus. Moal. 2ª. Ed. São Paulo: Moderna, 2002.

40 Parênteses originais do autor.

41 ROSA, João Guimarães. *Cartas a William Agel de Mello*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003, p.24.

42 Em nota da publicação de sua correspondência com Guimarães Rosa, William Agel de Mello explica que um dia tinha estado no jardim zoológico com o escritor e a neta. ROSA, João Guimarães. *Cartas a William Agel de Mello*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003 p. 71.

Rosa ainda destaca que aquela dificuldade inicial da menina ao falar, sobre a qual já tratamos aqui, naquele momento estava superada, afinal ela “agora fala tudo”.

Voltando a tratar da correspondência com Ooó, nota-se que nela o mais comum é que Vovô Joãozinho desenhe para se fazer compreender pela pequena, por isso cabe-nos lembrar de que quando um adulto desenha para uma criança, ele tenta uma aproximação maior do mundo da infância, ainda que para isso seja preciso que ele use um “repertório codificado como infantil”<sup>43</sup>, e que é bem diferente da forma como a criança percebe o mundo; de qualquer forma, o simples ato de desenhar já toca a perspectiva da criança, pois o desenho proporciona uma entrada em um estado sensível que é “ao mesmo tempo uma transitoriedade e uma sabedoria. O desenho fala, chega mesmo a ser uma caligrafia”<sup>44</sup>. Por sua característica transitória, a produção gráfica expressa melhores impressões provisórias e moventes, tão caras aos que não estão comprometidos com a perspectiva cristalizada da cultura escrita, como as crianças pequenas. Este conflito também aparece destacado em um dos postais, onde encontramos a transcrição de mensagens, ou como Rosa quis chamar, “ditados exatos”, de Vera para a irmã Beatriz Helena que estava em São Paulo, então o Vovô escreve assim:

(Ditado exato):/Queída Biatiz Eêna,/ minha Irmãzinha./Catão bonito, com caçoinho,/ dois caçoinhos. Pa você./Mamãe queída. Papai queído./ Imãozinhos queídos./Vovô fica tiste, e vovó, titia./ Chora. O mar tá peando. (?)/(Peando pa lá: toma banho.)/Agora, eu quéo crever: sabo-/netinho dela, queído.) Bonita,/ Você. Bonequinha. Boneca. Boni/tinha. Tou no (R)ío. O João-/zinho, Vovô, Vovó, Titita. Jesus./Cá-sás da Banha.../Cartão seu bonito. (O) b (r)igada./Juana (empegada)./Dois-Nenén, beijinhos./Beijinhos Mamãe queída./É. Edu bonito./Irmãozinhos./Vovó Ima./P(r)onto!/a Vera/bichinho, jacaré,cobrinha, bolinha, mãe da cobrinha pequenininha/ (Pela cópia fiel, com lembranças, o vovô Joãozinho – secretário de Vera?).<sup>45</sup>

43 MÈRIDIEU, Florence. *O desenho infantil*. Trad. Álvaro Lorencini, Sandra Nitri. 11ª.Ed. São Paulo: Cultrix,2006, p.15.

44 ANDRADE, Mario de. “Do desenho”. In: *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. 2ª. Ed,São Paulo: Martins, 1975. p.71-2.

45 ROSA, João Guimarães *Ooó do vovô: correspondência de João de Guimarães Rosa, o vovô Joãozinho, com*

Se Rosa confessa que, em sua infância, foi alimentado pela audição constante das “narrativas multicoloridas dos velhos: mitos e lendas”<sup>46</sup>, e que a única diferença entre ele e as outras crianças era que ele, ao invés de contá-las depois, como pede a tradição oral, as escrevia, então talvez o autor já estivesse habituado a transcrição de expressões verbais. Mas aqui, já não se trata apenas de uma adaptação de linguagem falada para escrita, afinal, na época da correspondência com as netinhas pequenas, ele já era adulto, então com que legitimidade ele poderia expressar os pensamentos de Vera? Ainda que fique claro que, embora a comunicação do desejo de afagar até se materialize, nas cartas ditadas pelas crianças aos adultos letrados, aquilo que está na cabeça dos pequenos, em suas “cem linguagens”<sup>47</sup>, nunca poderia caber por completo nas palavras escritas.

Para romper as distâncias, impossibilidades e proibições, às quais os pequenos estão sempre submetidos, é comum que tentem expressar sua voz (ainda em construção) nas linguagens mais livres e adequadas também a eles: desenhos, beijos, silêncios etc. Em relação a esse postal, no qual Vera exercita a comunicação com a irmã pela via transcrição do avô, também Joãozinho experimenta aproximar-se da perspectiva peculiar da pequena neta, transformando as elocuições que ela conseguiu proferir (e ele compreender) em claras palavras escritas. Porém, como se soubesse do previsível fracasso desta empreitada, é também permitido a ela que expresse, por si mesma, sua própria ‘voz’, através de produções gráficas infantis, e desta forma Vera ‘comenta’ com a irmã as novidades que percebeu no Rio de Janeiro, desenhando coisas muito simples: a bolinha, a cobrinha, a bala, o bichinho, o jacaré etc... Tudo grafado de forma bastante rudimentar, muito próximas aos rabiscos, que por

*Vera e Beatriz Helena Tess, de setembro de 1966 a novembro de 1967.* São Paulo Edusp; Imprensa oficial do Estado de São Paulo; Belo Horizonte: Editora PUC/Minas, 2003a, p.38.

46 LORENZ, Günter. “Diálogo com Guimarães Rosa”. In: COUTINHO, Eduardo (org). *Guimarães Rosa*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p.69-70 (Série Fortuna Crítica).

47 Cf. EDWARDS, Carolyn; FORMAN, George & GANDINI, Lella. *As Cem Linguagens da Criança - A abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância*. Trad. Dayse Batista, Porto Alegre: Artmed, 1999.



fugirem da lógica narrativa, tornam-se quase que ilegíveis<sup>48</sup>, então o Vovô é obrigado a escrever uma legenda explicando o que “significa” cada um daqueles riscos, embora para a criança “a questão do sentido ou não sentido apresentam um interesse mínimo”<sup>49</sup>.

Sublinhando os diálogos possíveis entre as duas crianças, intermediado por um adulto que o transforma em palavras escritas, postais como este são momentos que abrem questionamentos ricos, pois podem funcionar como tentativa de comunicação entre a lógica adulta e a infantil; e este, em específico, por trazer na capa a imagem de dois cachorrinhos entre as flores e no verso a mensagem apresentada acima, terminando com a pergunta: tendo transcrito tudo com tamanha exatidão a mensagem da netinha, seria o vovô o secretário da Vera? Aqui fica claro que a possibilidade mesma de expressão da linguagem dos pequenos, estabelecida pela mediação da palavra escrita dos adultos, é colocada em tensão.

Se os postais pressupõem sempre a ideia de um distanciamento entre avô e neta a ser superado; no volume também foram publicadas algumas cartas, transcrições de enunciações, alguns bilhetes e desenhos, que se expressam como registros de momentos de proximidade entre os aparentados. Um exemplo destes é quando encontramos as versões desenhadas de duas variantes da história tradicional *Como a jovem teve que escolher entre três pretendentes*<sup>50</sup>, cuja origem se perde no tempo; mas na cultura ibérica ficou conhecida através da cantiga *Teresinha de Jesus*. No Brasil, esta se tornou tema de rodas e brincadeiras cantadas, na qual a história é encenada pelas crianças pequenas, ajudando-as a interagir e a falar<sup>51</sup>. É que para os infantes brincantes, não há diferença definida entre cantar e gracejar, já que, segundo depoimento de uma criança, para elas a *Cantiga de Roda*: “É uma música, uma dança, não é uma brincadeira, mas aí a gente faz uma brincadeira”<sup>52</sup>. Na primeira versão da cantiga citada,

48 MÈRIDIEU, Florence. *O desenho infantil*. Trad. Álvaro Lorencini, Sandra Nitrini. 11ª.Ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 23.

49 MÈRIDIEU, Florence. *O desenho infantil*. Trad. Álvaro Lorencini, Sandra Nitrini. 11ª.Ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 16-7.

50 *CONTOS do Vampiro*. Trad. Luiz Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 37-40.

51 FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 3ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.40.

52 JARDIM, Claudia Santos. *Brincar: um campo de subjetivação na infância*. São Paulo: Annablume;

mais jocosa, temos: “*Teresinha de Jesus/- Abre a porta!/ Vê quem é/- É um homem pequenino.../Que tem mêdo(sic) de moé!*”. Na segunda versão temos desenho de uma Teresinha cavaleira, que cai do cavalo e é acudida por três *cavaleiros* (não três *cavalheiros*, como na canção popular): “*Teresinha de Jesus/ Deu um pulo, foi ao chão/ Acudiram três cavaleiros, todos três chapéu na mão*”<sup>53</sup>.

Naqueles desenhos simples, todos traçados a lápis grafite e coloridos com o lápis de duas pontas (azul/vermelha) – que eram propriamente os instrumentos de trabalho do vovô escritor/diplomata, que repentinamente se transformavam em brinquedo e utensílio para jogos de ficcionalizar<sup>54</sup>–, temos representadas duas variações da cantiga de roda *Teresinha de Jesus*. Comparando ambas as versões, as semelhanças entre as duas variantes se mantêm pelo ritmo da melodia – como é caro às expressões em linguagem não verbal – e as diferenças se operam nos modos de linguagem verbal: no caso da primeira variação, temos uma narrativa curta, onde *Teresinha de Jesus* aparece como uma criança – não necessariamente Vera–, para quem alguém pede que abra a porta para ver quem está chamando, então a menina abre e diz que é um “homem pequenino que tem medo de moé”, que é uma transcrição de uma corruptela da palavra mulher que, quando escrita, provoca gracioso estranhamento<sup>55</sup>. Esta mesma versão da cantiga popular aparece no já citado levantamento de registros das práticas culturais infantis em São Paulo – que é a cidade onde Verinha morava –, com uma diferença tênue relativa às formas elocutivas: se Rosa escreve “medo de moé”, no arrolamento de Florestan Fernandes a locução escrita aparece como “muié”<sup>56</sup>. Já na segunda variante, temos a versão tradicional da menina que caiu e a “acudiram três cavalheiros, todos os três chapéu na

Fortaleza: Secult, 2002, p.31.

53 ROSA, João Guimarães *Oó do vovô: correspondência de João de Guimarães Rosa, o vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess, de setembro de 1966 a novembro de 1967*. São Paulo Edusp; Imprensa oficial do Estado de São Paulo; Belo Horizonte: Editora PUC/Minas, 2003<sup>a</sup>, p. 25.

54 MÈRIDIEU, Florence. *O desenho infantil*. Trad. Álvaro Lorencini, Sandra Nitri. 11<sup>a</sup>.Ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 8-9.

55 Cf. GINZBURG, Carlo. “*Estranhamento: pré história de um procedimento literário*”. In: *Olhos de Madeira: Nove reflexões sobre a distância*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Cia das Letras, 2001, p. 15-41.

56 FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 3<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.45.

mão”, sendo que nesta parte, no entanto, o Vovô Joãozinho desenha uma *Teresinha de Jesus* semelhante às caracterizações de Vera em outros cartões, mas aqui ela é uma cavaleira, assim como seus salvadores, também são “três cavaleiros”. Essa brincadeira com as palavras cavalheiros e cavaleiros, que lembra certo estranhamento infantil em relação à linguagem usada pelos adultos, se opera na fala e na escrita, mas é na escrita que ela fica mais sutil, visto ocorrer a partir da ausência ou presença de uma única letra – h – modificadora de todo o sentido da mensagem.

O estranhamento causado pelo contato entre a linguagem do adulto e a da criança pequena que encontramos com frequência na correspondência em questão, já havia sido registrado décadas antes na *Crônica berlinense*<sup>57</sup> – um dos esboços preliminares a versão definitiva das memórias de infância<sup>58</sup> que Walter Benjamin dedicou a seu filho da década de 1930 – texto no qual temos acesso a uma narrativa onde o adulto experimenta uma “volta ao tempo e recupera em certo sentido a maneira de ver da criança, a sensibilidade e os valores dela”<sup>59</sup>, e tantas vezes isso aparece através o conflito entre as linguagens do adulto e da criança, como quando escreve: “há um som que, graças às décadas que nem passou pelos meus lábios nem chegou aos meus ouvidos, preservou o insondável mistério que as palavras da língua dos adultos possuem para as crianças (...) essas palavras existem na fronteira entre duas regiões linguísticas, das crianças e dos adultos”.<sup>60</sup>

Por outro lado, nos bilhetes escritos pelo Vovô Joãozinho a Ooó que foram publicados no livro, também temos alguns registros da visão peculiar que a criança vai

57 BENJAMIN, Walter. “A Berlin Chronicle.” In: *One-way Street and another writings*. Trad. Edmund Jephcott e Kingsley Shorter. London: Verso, 1992.

58 “Infância berlinense: 1900”. In: *Rua de mão única e Infância berlinense 1900*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 69-116. (Filô/Benjamin)

59 BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: Representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 13.

60 BENJAMIN, Walter. Tradução nossa. “There is one sound that, thanks to the the decades in which it neither passed my lips nor reached my ears, has preserved the unfathomable mystery that certain words from the language of adults posses for children. (...) These words that exist on the frontier between two linguistic regions, of children and of adults” BENJAMIN, Walter. “A Berlin Chronicle”. In: *One-way Street and another writings*. Trad. Edmund Jephcott e Kingsley Shorter. London: Verso, 1992, p. 322-3.

percebendo das coisas, como por exemplo, do choque de linguagem entre crianças (como Ooó) e adultos, (como o avô): “*Vera (Ooó)/24.XII.66/ \_É ‘atinho’. Océ fala (‘ratinho’) é porque você creceu...*”<sup>61</sup> Em outros momentos dos bilhetes, Vera fala ao Vovô usando duas linguagens, uma mais utilizada pelo adulto (ditado), outra à criança (rabiscos), que nos mostram outro depoimento da menina em relação ao conflito cultural adulto/criança. O texto ditado por Vera a um adulto que escreve preservando a expressão da criança é o seguinte:

Carta da Vera:”<<Vovô queído, abraço vovô queído. Tou com saudade de você. Não vou no Ío não. Você vem aqui. Beijo vovó Aci. Abaço nas Amigas Monica, Angélica, Fátima, Patrícia, Adriana. Beijo vovô queído. Vera Úcia. (em 17 de agosto de 1967).<sup>62</sup>

Acompanhando a mensagem em questão, ao invés de imagens caminhando para o figurativo, temos garatujas de Verinha, e nelas não vemos mais os instrumentos de trabalho de Rosa – como lápis de duas pontas – transformados em brinquedo infantil, pois a gravura multicolorida nos oferece outro tipo de informação, afinal, “para a criança, a cor não se reduz a uma simples impressão, mas a afeta em todos os sentidos: ela a aspira, respira, escuta, sorve degusta”<sup>63</sup>, e assim, “por sua simples manifestação, a cor certifica, torna autêntica a existência da ficção (...) ao desdobrar-se ela tem poder para convocar a totalidade dos mundos sobre os quais ela pode colocar-se ou de onde, talvez, ela provém”<sup>64</sup>. Então, se a cor é expressão representativa mais importante para a criança, porque ela legitima o ‘faz de conta’, a

61 ROSA, João Guimarães *Ooó do vovô: correspondência de João de Guimarães Rosa, o vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess, de setembro de 1966 a novembro de 1967*. São Paulo Edusp; Imprensa oficial do Estado de São Paulo; Belo Horizonte: Editora PUC/Minas, 2003a, p. 35.

62 ROSA, João Guimarães *Ooó do vovô: correspondência de João de Guimarães Rosa, o vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess, de setembro de 1966 a novembro de 1967*. São Paulo Edusp; Imprensa oficial do Estado de São Paulo; Belo Horizonte: Editora PUC/Minas, 2003, p.53.

63 SCHERÉR, René. *Infantis: Charles Fourier e a infância para além das crianças*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Educação:Experiência e sentido), p. III.

64 *Ibidem*, p. 112.

ficcionalização, era essa a proposta de Ooó ao Vovô.

A partir destes bilhetes, podemos voltar àquela colocação de Candido e Mindlin que deixamos em aberto, quando eles sugeriram que o Vovô Joãozinho “quase monologa” nesta correspondência. Questionamos esta colocação porque as ‘falas’ de Vera também são registradas várias vezes, mas acabam quase que não sendo muito percebidas pelo olhar adulto, talvez porque misturem diversos pontos de vista, e não obedecem a uma lógica narrativa linear<sup>65</sup>. Novamente é o fonoatira Pedro Bloch quem vem em nosso auxílio e nos ajuda a pensar a questão por outra perspectiva, especialmente quando afirma que as expressões infantis possuem “características tão próprias, tão originais, tão suas, que os referenciais do adulto não conseguem fixar com facilidade. Essa originalidade faz com que o diálogo de adulto e criança mixe tantas vezes<sup>66</sup>”. Na correspondência em questão, Vovô Joãozinho experimentou ultrapassar essa dificuldade de contato entre os níveis culturais pelo uso de múltiplas linguagens que poderiam despertar a percepção de crianças pequenas, mas como será que aquele contato, expresso nos cartões postais, ficou registrado nas memórias de Vera Tess?

### Uma memória do afeto

“... tudo ignorava da sua infância; mas recordava-a demais.”

João Guimarães Rosa – Tutaméia

Além do texto que escreveu para o prefácio do livro da sua correspondência com Vovô Joãozinho, em 2011 Vera Tess voltou a falar do significado de ter vivido aquela

65 Como já foi dito, não podemos divulgar aqui as imagens do livro e lamentamos que isso acabe significando mais um impedimento à expressão infantil de Ooó. De qualquer forma, ao abordarmos a existência desse material e sublinhar as questões que ele desperta pode servir como contribuição para a história das relações entre crianças e adultos, e apontamos que um exemplo da ‘fala’ rabiscada de Ooó pode ser conferido em RODRIGUES, Camila. *Escrevendo a lápis de cor: Infância e história na escritura de Guimarães Rosa*. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo 2014, p. 100.

66 BLOCH, Pedro. *Criança é isso aí*. Rio de Janeiro: Bloch Ed., 1980, p. 11-2.

experiência tão especial com seu avô. No emocionado depoimento oral de cerca de duas horas, Vera forneceu muitos elementos expressivos importantes para se pensar a questão da memória da infância, sua narrativa e história. Em um dos trechos mais significativos, todo recortado de pausas silenciosas carregadas de emoção, Vera nos fala sobre o Vovô Joãozinho e das lembranças que lhe restavam do tempo que viveu ao seu lado:

Ele foi o único avô que eu conheci, que eu tive, porque meus dois biológicos eu não conheci; enfim, a referência de avô, de afeto é total dele. Ele faleceu e eu tinha quatro anos e pouquinho, então eu tenho uma memória... muito... tenho uma memória do afeto, tenho uma memória muito... assim, na verdade quando eu vejo, quando eu leio, toda vez que eu releio estes cartões aí, é uma coisa que tem um sentimento muito gostoso, muito... é como se eu voltasse a ser criança mesmo [...]. É mais do que se emocionar, me toca, tem uma... Enfim, é um aconchego digamos, uma sensação muito boa de estar próxima, de ficar mexendo, lendo e tal... e ai, muito uma coisa infantil, de bonitinho, de avô, disso eu tenho um sentimento forte.<sup>67</sup>

Ainda que a imagem do Vovô Joãozinho mantida na memória de Vera Tess receba destaque, até pela exclusividade dele no papel de avô, devido ao contato entre eles ter acontecido quando ela ainda era muito pequena, a retentiva que ele deixou é fortemente afetiva e revisitar os postais despertam novamente traços daquela percepção infantil. Na emoção de Vera ao mexer e comentar os postais que recebeu do avô que viajava o mundo, é observável que, na percepção dela, aquelas ilustrações, escritos e desenhos, continuam intensamente “habitados” pelo seu afetivo avô<sup>68</sup>, e isso acaba despertando uma revivência dos modos de sentir e de pensar daquela menina de nem quatro anos que ela foi. Isso se torna altamente significativo se considerarmos que a criança, na primeira infância, ainda não possui

67 TESS, Vera Lucia. *Depoimento concedido a Camila Rodrigues*. São Paulo. 23 Set.2011. São Paulo. 23 Set.2011. (Informação verbal).

68 Cf. BENJAMIN, Wallter. “Infância berlinense:1900”. In: *Rua de mão única e Infância berlinense 1900*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 96.

a compreensão completa do tempo segmentado<sup>69</sup> e por isso ela percebe o mundo como um fluxo contínuo até que, com sua entrada na linguagem verbal, acontece um alargamento da sua percepção temporal e é como se estivessem sendo criados ‘novos tempos’<sup>70</sup>.

Segundo o professor de psicologia da Universidade de Toulouse, Guy Tonella, em seus primeiros anos de vida, porque vive nessa indeterminação temporal, o ser humano não constrói relações diretas entre “os eventos externos e sua experiência interna”<sup>71</sup>, e quando adulto, as reminiscências que pode guardar daquele tempo “não podem ser relacionados à qualquer lembrança precisa porque pertencem ainda e exclusivamente ao sistema de relações não verbal, não consciente, não simbolizado”<sup>72</sup>, podendo emergir como só sentimento.

Mas se a reminiscência infantil não fornece elementos suficientes para que a própria Vera narre a história de sua relação com Rosa, ela ainda pode ser contada a partir de outras narrativas que preencheram suas memórias de meninice por toda a sua vida, ou nas suas próprias palavras:

Talvez o maior impacto, o que me mexe e me toca, a importância maior foi ter tido um avô gostosinho como ele foi, então depois de ver essas coisas, as que mamãe conta... a vovó conta... todas as historinhas super carinhosas: que ele me punha pra dormir, me contava história (...) essas coisas são de um afeto, de um carinho assim que é uma delícia ouvir, saber, bem coisa de afeto mesmo. Isso ultrapassa de muito o ser neta do Guimarães Rosa; primeiro me vem como é ser neta do Vovô Joãozinho. Primeiro porque, criança, eu nem sabia que ele era escritor, né, até nessa idade nem sabia<sup>73</sup>.

69 PIAGET, Jean. *A noção do tempo na criança*. São Paulo: Record, 2002.

70 Cf., entre outros, FRANÇOIS, Frédéric. ‘O que nos indica a linguagem da criança: Algumas considerações sobre a linguagem’. In: DEL RÉ, Alessandra (org). *Aquisição da linguagem*. São Paulo: Contexto, 2006.

71 TONELLA, Guy. “As propriedades reguladoras das relações interpessoais”. In: *Revista Latino-americana de Psicologia Corporal*, ano 1, no. 2, out. 2014, p.08.

72 Ibidem, p.09.

73 TESS, Vera Lucia. *Depoimento concedido a Camila Rodrigues*. São Paulo. 23 Set.2011. São Paulo. 23 Set.2011. (Informação verbal).

Ainda que as reminiscências que ela julga serem as mais importantes sobre aquela época são as que trazem maior carga afetiva, e aquela história foi preservada pelas narrativas de outros sobre sua vivência, Vera também narra tênues lembranças do dia da morte do avô, em novembro de 1967:

De lembranças maiores, assim, eu tenho de quando ele morreu, que eu estava lá,[foi] na minha frente, mas eu tenho menos [lembrança] não dele na minha frente me chamando, mas depois a confusão no apartamento, porque ai eu chamei minha [a]vó e veio um monte de gente, ai ele ficou com o fardão no quarto [...] isso eu lembro, cenários, aquela confusão, isso tem uma coisa mais clara, mas de momentos com ele, assim, não ...”<sup>74</sup>

Interessante observar o movimento da memória de Vera sobre aquele dia final, pois ali não aparece mais a imagem do avô carinhoso – como se esta tivesse protegida pelo manto afetivo e se consolidado como recordação –, mas as lembranças que ela traz daquele momento são factuais, remetem ao cenário, à confusão no apartamento. Isso acontece porque o passado em si é sempre silencioso, “a ele se referem em concorrência, a memória e história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança”<sup>75</sup>, assim só é possível acessá-lo de forma fragmentada, pelos registros deixados – como no caso os postais – ou pela narrativa.

74 TESS, Vera Lucia. *Depoimento concedido a Camila Rodrigues*. São Paulo. 23 Set.2011. São Paulo. 23 Set.2011. (Informação verbal).

75 SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.9.



### Considerações finais: Vovô Joãozinho de chupeta

“Só amor em linhas gerais infunde simpatia a história, sobre cujo fim vogam inexatidões, convindo se componham; o amor e seu milhão de significados.”

João Guimarães Rosa – Tutaméia

No que tange à história do pensamento sobre a criança, se para o mundo ocidental até o século XIX, o infante foi pensado apenas como “uma parte do grande corpo coletivo”<sup>76</sup>. A partir da entrada do século XX, paulatinamente, vimos emergir discursos nos quais a criança começa a ser tratada como um ser que tem desejos, que possui uma posição própria diante do mundo e da vida. Olhar para a criança desta forma permite que se perceba quão diferente sua cultura é da do adulto, e com isso ela também pode começar a ser vista como um ser socialmente participante e engendrador de culturas infantis<sup>77</sup> que, quando em contato com a cultura adulta, contrastam com as percepções convencionais pois, em sua intensa criatividade, são estranhas a convenção civilizada e denunciam a perplexidade da vida e a insensatez das coisas, sensibilizando, assim, a percepção para outras formas de estar no mundo.

Todo esse caldo cultural é perceptível nas condensadas imagens da correspondência entre o Vovô Joãozinho e Ooó, onde vislumbramos não apenas as diferenças culturais entre avô e neta, mas também as tentativas, por ambas as partes, de estabelecer diálogo, contribuindo, assim, para a história da criança no século XX<sup>78</sup>. O próprio envio de imagens em fragmentados postais a uma criança, já marca uma quebra na linearidade do discurso e o registro de uma tentativa de falar sobre viagens, que supomos ser não apenas no espaço, mas no contato entre as linguagens verbal adulto e não verbal da criança.

76 GÉLIS, Jacques. “A individuação da criança”. In: ARIËS, P; CHARTIER, R. *História da vida privada, 3 – Da renascença ao século das luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 2009, p. 306.

77 COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009, p.28 a 35.

78 FREITAS, Marcos César de & KUHLMANN, Moysés (org). *Os intelectuais e a história da infância*. São Paulo: Cortez Editora, 2002, p. 7.

Se tantas vezes a tentativa de diálogo entre adulto e criança acaba se concretizando através do humor, já que as expressões da criança soam engraçadas aos adultos; no século XXI também podemos observar a questão também pelo outro lado, pois já estão sendo desenvolvidos estudos sobre como as crianças produzem intencionalmente expressões cômicas para compartilhar a diversão entre elas próprias e também com os adultos.<sup>79</sup>

Essas discussões sobre os contatos culturais entre adultos e crianças, em suas várias tonalidades, aparecem em destaque na correspondência analisada e podem estar sintetizado no carinhoso, simbólico e engraçado desenho do Vovô Joãozinho de chupeta naqueles postais.

79 DEL RÉ, A; et al. “Diversão partilhada, humor e ironia”. In DEL RÉ, Alessandra; MENDONÇA, Luciane P.M.C (org). *Explorando o discurso da criança*. São Paulo:Contexto, 2014, p.36.